



A IGREJA CATÓLICA E AS MULHERES NO CONTEXTO DA ROMANIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL.

The Catholic Church and the women in the Romanization Context in Rio Grande do Sul.

Vanildo Luiz Zugno*

Resumo

A partir da análise de relatórios institucionais e correspondências pessoais dos missionários capuchinhos da Província de Saboia que, no final do século XIX e início do séc. XX desenvolveram intenso processo de evangelização na metade norte do Rio Grande do Sul, o trabalho investiga o discurso eclesial sobre as mulheres no contexto de romanização da igreja católica no estado. Na análise, três são os grupos priorizados: as mulheres dos imigrantes italianos, as mulheres dos “brasileiros” e as mulheres religiosas de vida consagrada. Preliminarmente, podemos afirmar que o discurso da Igreja em relação à mulher no contexto da imigração não é uniforme. Há o discurso a respeito da mulher imigrante exalta seu papel como filha obediente, esposa e mãe fiel à família e à igreja; o discurso sobre as “mulheres brasileiras” que são instadas a enquadrar-se no modelo da mulher imigrante; o discurso sobre a mulher religiosa consagrada que é chamada a tomar um papel educativo proeminente na Igreja e na sociedade, mas sempre sob as ordens do clero. Em todos eles, nega-se qualquer protagonismo à mulher e com isso reforça-se seu papel submisso, tanto na igreja como na sociedade.

Palavras-chave: Mulheres. Imigração. Igreja Católica. Romanização.

Abstract

From the analysis of the institutional reports and personal correspondence of the Capuchin Missionaries of the Savoy Province at the end of the XIX Century and at the beginning of the XX Century was developed an intense process of evangelization at the center of the northern section of Rio Grande do Sul this matter investigates the ecclesial discourse regarding women in the romanization context of the state of the Catholic Church. There are three priority groups in the analysis: The immigrant Italian women, the Brazilian women, and the consecrated religious women. First of all, we can affirm that the church's discourse relative

* Doutorando em Teologia na Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Este artigo faz parte da pesquisa em vista de tese de doutoramento sobre “Os capuchinhos e o processo de romanização no Rio Grande do Sul” sob a direção do Prof. Dr. Wilhelm Wachholz. O autor é bolsista CNPQ-Brasil. Endereço: zugno1965@hotmail.com

to women in the context of immigration is not uniform. There is a discourse about immigrant women that exalts its role as an obedient daughter, wife, and faithful mother to the family and to the church, the discourse about "Brazilian women" that are motivated to go into the immigrant women pattern; the discourse about consecrated religious women that is called to have an important educational preeminent role in the church and in society, but always beneath clergy orders. All of them deny women any leadership and in doing so it reinforces her submissive role in the church and in society.

Keywords: Women. Immigration. Catholic Church. Romanization

Considerações Iniciais

Os estudos sobre a condição das mulheres na história brasileira vem avançando significativamente e, com eles, também os conhecimentos sobre a condição das mulheres na Igreja e o discurso que os agentes eclesiais sobre ela elaboraram no decorrer do tempo. Conforme Del Priore, no processo de construção da sociedade colonial, ser mulher significou “ser mãe”, “casada”, “boa esposa”, “humilde, obediente e devota”. Isso foi possível através de “um eficaz adestramento digerido no cotidiano e consolidado no correr do tempo” que fazia as mulheres esquecerem e negarem a sua condição real de “mãe dos filhos ilegítimos de seu marido, a companheira de um bigamo, a manceba do padre, a concubina de um primo casado”.² O casamento como *dever* – não o revestido do amor romântico como o era na Europa da época – passou a ser o ideal apresentado, tanto pela sociedade como pela Igreja, para toda mulher. Gerar filhos para manter viva a aristocracia e o sistema colonial era obrigação moral das mulheres.³

Isso, claro, para as mulheres brancas. Às mulheres indígenas e negras a sorte reservada era mais cruel. Apesar dos ingênuos esforços de alguns pregadores, era consenso no Brasil colonial “[...] que para essa gente bruta não são os matrimônios, pois tanto que casaram, deixam assim os maridos como as mulheres, de fazer vida entre si, e se entregam a maiores pecados depois de casados”.⁴ Como relata Benci, além de impedir que se casassem e, deste modo evitassem viver em pecado, os senhores as “violentam e obrigam as suas

² DEL PRIORE, Mary. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil colônia. In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 171-173.

³ AZZI, Riolando. *A Igreja na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 37-40.

⁴ BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 103.

escravas a pecarem” e, não contentes com isso, as obrigam à prostituição como modo de aumentar ainda mais os seus lucros.⁵

A Independência não significou uma mudança substantiva para a maioria da população brasileira e, de modo especial, a das mulheres. A continuidade do sistema escravocrata fez com que as relações sociais permanecessem as mesmas do período colonial. Apenas nos centros urbanos sentiam-se as mudanças e as tensões entre a nova classe emergente, a burguesia agrária cafeeira e a industrial e a velha nobreza agrária latifundiária e escravocrata. A abolição do sistema escravocrata em 1889 e, sua consequência política, o fim do Império e o estabelecimento do sistema republicano, marcam o início de um novo período, marcado pela hegemonia do projeto burguês que irá impulsionar profundas transformações na sociedade brasileira.⁶

Para a Igreja Católica do Brasil, a separação do Estado aparece como a oportunidade para livrar-se do jugo do padroado e implantar a reforma que a levaria ao alinhamento com Roma e ao resgate de sua identidade.⁷ A reforma do clero e a introdução de congregações religiosas masculinas e femininas de origem europeia, alinhadas com o espírito ultramontano e capacitadas para, através da educação, da imprensa e da catequese, formar um novo tipo de católico, foram centrais na estratégia da Igreja que, alinhando-se cada vez mais com o ideal romano, enfrenta o Estado republicano e tenta manter a hegemonia sobre a sociedade.⁸

Mas há outro campo em que igreja e estado também se enfrentaram. É o espaço da família e da vida pessoal. Ao instituir o casamento civil, o registro público de nascimento e

⁵ BENCI, 1977, p. 121-122.

⁶ AZZI, 2008, p. 67-72

⁷ Por Padroado entendemos a forma como o sistema de Cristandade se articulou no Brasil colonial e, depois da Independência, no Brasil Império. Na definição de Richard, por cristandade entende-se “[...] uma forma determinada de relação entre a Igreja e a sociedade civil, relação cuja mediação fundamental é o Estado” (RICHARD, Pablo. *A morte das cristandade e nascimento da igreja*. Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 9). Segundo o autor, o mais importante na definição não são os três polos – igreja, sociedade civil e estado -, mas a relação de mútua instrumentalização entre igreja e estado e que tem como objetivo manter o controle sobre a sociedade.

⁸ AZZI, 2008, p. 74-84. Conforme Azzi, quatro são as principais características do movimento reformador. É um movimento *tridentino*, pois visa adequar a igreja do Brasil às formulações dogmáticas e às normas eclesiais decorrentes do Concílio de Trento que, até aquele momento, não havia recebido o *placet* do Imperador para serem aplicadas no Brasil. É *romano*, pois quer purificar o catolicismo no Brasil dos elementos das culturas ibéricas, africanas e indígenas com as quais se havia amalgamado durante os quatrocentos anos anteriores. É *episcopal* pois não responde nem às aspirações do povo e nem do clero e é imposto pela autoridade dos bispos muitas vezes contra a vontade do clero e do povo. Finalmente, é *clerical* pois tem como eixo estruturante a formação de um novo clero que, a partir de sua ação pastoral, renovará o povo (AZZI, Riolando. *Os bispos reformadores*. A segunda evangelização do Brasil. Brasília: SER, 1992. p. 15).

óbito e o cemitério público, o Estado passa a disputar com a Igreja o controle sobre a vida das pessoas.⁹ A reação da Igreja não se faz esperar. Para recuperar o espaço perdido e manter o existente, a hierarquia escolhe três prioridades: “a sacralidade do matrimônio, a indissolubilidade do vínculo e a dependência da mulher”.¹⁰ Na sociedade patriarcal, esta última, a dependência da mulher, é apresentada como a pedra de toque capaz de manter a sacralidade e a indissolubilidade do matrimônio. A “prole numerosa” e a “dedicação exclusiva da mulher ao lar” são os instrumentos para garantir a estabilidade da e a preservação dos valores da família católica.

As mulheres nos relatos dos Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul

A presença no Brasil dos capuchinhos franceses da Província de Savóia deu-se, como a de outras congregações religiosas, dentro da perspectiva de romanização da Igreja Católica. A primeira presença remonta a 1853 quando, por um período de 25 anos, dirigiram o Seminário da Diocese de São Paulo formando toda uma geração de sacerdotes e bispos na perspectiva ultramontana.¹¹ Menos de 20 anos depois, a convite de Dom Cláudio José Ponce de Leão, Bispo de Porto Alegre, os frades de Savoia retornam ao Brasil. O interesse de Dom Cláudio é ter padres para atender pastoralmente a imensa diocese e as sucessivas levas de imigrantes alemães, italianos e poloneses que aqui chegam. Aos capuchinhos interessa encontrar um lugar de refúgio para a formação dos jovens franceses, fora da França, para fugir ao serviço militar obrigatório. Frei Bruno de Gillonnay e Frei Leão de Montsapey são designados para a visita de inspeção ao lugar da futura instalação. Acompanha-os o Ministro Provincial, Frei Raphael de La Roche.¹²

Depois da passagem em Porto Alegre onde negociam com o bispo o local de instalação, os frades se dirigem a Garibaldi e ali iniciam seu trabalho missionário de pregadores ambulantes e administradores de sacramentos. Num primeiro momento, sua ação se restringe à região de colonização italiana. A partir de 1901, primeiramente com missões populares e, a partir de 1903 quando assumem a administração da Paróquia de

⁹ GOMES, Edgar da Silva. *A separação Estado-Igreja (1890)*. Uma análise da Pastoral Coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca, 2006, 238 p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2006. p. 125-128.

¹⁰ AZZI, 2008, p. 85.

¹¹ MARTINS, Patrícia Carla de Melo. Conservadorismo, educação e tomismo no Império Brasileiro. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ano I, n. 3, pp. 239-257, Jan. 2009.

¹² ZAGONEL, Carlos Albino. Província do Rio Grande do Sul. Sagrado Coração de Jesus. In: ZAGONEL, Carlos Albino (Org.). *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre, CCB, 2001. p. 353-379. Esta nota: p. 353-354.

Vacaria e o Seminário Diocesano de Porto Alegre, a ação dos capuchinhos se estende também à região habitada por “brasileiros”.¹³ Formados dentro do espírito da estrita fidelidade ao Papa e às normas romanas, os frades contribuem, em sua ação pastoral, para a implementação do novo tipo de igreja em curso. Analisaremos nos tópicos a seguir o discurso dirigida pelos frades a três grupos de mulheres: as mulheres – esposas e filhas – dos imigrantes italianos, as mulheres dos “brasileiros” e as mulheres religiosas de vida consagrada.

As mulheres italianas

A população migrante italiana que aportou ao Rio Grande do Sul já havia, em sua maioria, passado pelo processo de romanização nas suas terras de origem, no norte da Itália.¹⁴ Assim descreve Manfrói, de forma idílica, o modelo ideal da família católica no ambiente da imigração italiana:

A participação das celebrações litúrgicas, nos domingo e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno de estima e aceitação dos demais. O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei. Essa educação eles a receberam, desde o berço, em suas regiões de origem, principalmente no Vêneto, onde a presença da religião e do clero era determinante na vida da sociedade.¹⁵

O discurso da família imigrante que se mantém fiel às suas origens católicas e às normas da Igreja já era apresentado por Frei Bruno de Gillonnay em seu relatório a Dom Scalabrini, por ocasião de sua visita ao Rio Grande do Sul em 1904:

Este sistema de colonização favorece [...] a pureza de costumes, a conservação e o desenvolvimento da família cristã. [...] Desta maneira, reina uma grande pureza de costumes nas famílias. As crianças, dia e noite, conservam, facilmente, a inocência. Os pais, eles mesmos ocupados e isolados, amam-se mutuamente e conservam fidelidade a seus deveres.¹⁶

A realidade do dia a dia era, no entanto, muito diferente. Conforme os relatos de Frei Bernardin D’Apremont em seu diário de missionário, a realidade familiar do imigrante italiano nem sempre se adequava ao tipo ideal propugnado pelo clero.

¹³ “Brasileiros” eram chamados todos os habitantes do Brasil que não tinham origem migratória recente. O termo brasileiro podia incluir os povos autóctones, os africanos, os portugueses e os mestiços destes grupos.

¹⁴ RAMBO, A. Balduino. Restauração católica no Sul do Brasil. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 36, p. 279-304, 2002. p. 292.

¹⁵ MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*; implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul e Instituto Estadual do Livro, 1975. p. 157.

¹⁶ GILLONAY, Bruno de. Relatório de Frei Bruno a Dom Scalabrini, bispo de Piacenza. In: D’APREMONT, Bernardin; GILLONAY, Bruno. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bríndes; Caxias do Sul: UCS 1976. Pp. 244-248. p. 245.

Segundo Frei Bernardin, um dos problemas constatados pelos missionários e pelos párocos da região de colonização italiana era causado pelo casamento realizado por casais muito jovens. Devido ao grande número de filhos, com trinta anos, a mulher estava envelhecida e, num ambiente familiar extremamente fechado, alguns pais abandonavam a esposa e passavam a abusar sexualmente das filhas.¹⁷

Relações pré-matrimoniais eram frequentes e, em alguns casos, consentidas pelos próprios pais das moças: “Há mães que dizem ao namorado da filha: *Experimente-a*. E acontece.”¹⁸

Os casamentos arranjados ou feitos contra a vontade da moça resultavam muitas vezes em suicídio por parte as mulheres.¹⁹ Outras vezes, as mulheres aparecem mortas, dentro do ambiente doméstico, sem que ninguém conheça a razão de sua morte.²⁰ Em outros casos, a violência sexual precede o assassinato da mulher. Tal é o caso em que um homem viola uma menina que trabalhava na sua casa. Quando se dá conta que a menina estava grávida, mata-a e oculta o corpo no mato. Descoberto, não sofre qualquer tipo de punição.²¹

O aborto como técnica para evitar os filhos resultantes da violência sexual cometida pelo marido contra a própria esposa era conhecido entre as mulheres da região de colonização italiana.²²

Casos de traição que resultam, normalmente, em violência e assassinato da esposa, também eram frequentes entre os colonos. Quando há a separação, a mulher é expulsa da casa e é obrigada a partir sem nem um bem ou qualquer meio para sustentar seus filhos.²³

¹⁷ “Mariage à un âge trop tendre. La femme est alors vieille à 30 ans; de là désordres faciles entre père et filles. [...] Un fait semblable à La Palmira fut célèbre.” D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 5 (1898-1899)*, p. 76. Archives des Capucins/11A. Apesar do escândalo, o caso de Linha Palmira parece que não teve solução imediata, pois é novamente citado pelo autor em 1903 (D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 15. Archives des Capucins/11A).

¹⁸ “Des mères qui disent à ‘l’amoroso’ de leur fille: *provi la*. Et se fait. » D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 15. Archives des Capucins/11A.

¹⁹ D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 5 (1898-1899)*, p. 84. Archives des Capucins/11A ; D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 200. Archive des Capucins/11A.

²⁰ D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 6 (1899-1900)*, p. 75 ; 86. Archives des Capucins/11A.

²¹ D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 93. Archive des Capucins/11A.

²² Uma mulher da região de Garibaldi assim relata a Frei Bernardin o procedimento utilizado para evitar os filhos: “Io obbedisco al marito, sí... Sono andata 4 volte al dottore, che, finalmente, m’há dato una machinetta colla quale me libero e posso cosí, senza pericolo di parto, obbidire al marito.” (D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 15. Archives des Capucins/11A).

²³ D’APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 69-70. Archive des Capucins/11A.

Quando isso acontecia, no entanto, ficavam privados, ambos, dos sacramentos. Na linha São Silvestre, em Conde d'Eu, um homem de avançada idade que vivia com uma mulher que havia se separado do marido, solicitou ao Pe. Fronchetti a confissão e os sacramentos. O pároco obriga-o a expulsar a mulher de casa para depois dar-lhe os sacramentos. A mulher se recusa a sair da casa. O Padre, junto com outros homens, leva-a à força da casa e, amarrada numa carroça, expulsa-a da localidade. No dia seguinte, o homem recebe os sacramentos e morre.²⁴

A prostituição também era uma realidade comum em todas as cidades de colonização italiana. Em Garibaldi, no ano de 1900, três mulheres que exerciam a prostituição instalaram-se em uma casa em frente ao convento das irmãs de São José. Fr. Bruno e o pároco, João Fronchetti, escreveram ao Intendente exigindo a expulsão das três mulheres da cidade. Elas partiram, mas oito dias depois regressaram. Como o intendente se negasse a expulsá-las de novo, frei Bruno ameaça com a retirada das irmãs da cidade e dá prazo até às 11 horas da manhã do dia 25 de fevereiro para que elas fossem retiradas novamente da cidade. Ao se aproximar a hora, frei Bruno vai com uma carroça para a frente da casa das irmãs com o propósito de começar a retirada. Diante do fato, começa o alvoroço entre a população. Informado do fato, o intendente providencia imediatamente a retirada das três mulheres.²⁵

As normas da igreja em relação ao matrimônio eram poderoso empecilho para a regularização das situações familiares. As taxas exigidas pelos párocos para a realização dos casamentos eram, para muitos colonos, um impedimento para a regularização da vida familiar diante da igreja. Os casais que não formalizavam sua união na igreja através do sacramento do matrimônio ficavam excluídos de toda participação na vida sacramental e inclusive das bênçãos.²⁶

A educação das filhas era extremamente rigorosa. Castigos físicos e a privação da comida eram usados para inculcar nas filhas o respeito e a obediência aos pais e evitar que elas caíssem em situações que comprometessem sua boa fama.²⁷

Diante desta dura realidade que está, dia a dia, diante dos olhos dos missionários, o discurso eclesial continua afirmando a obediência da mulher ao marido e dos filhos ao pai

²⁴ D'APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 164. Archive des Capucins/11A.

²⁵ D'APREMONT, Bernardin. *Journalier 6 (1899-1900)*, p. 28-29. Archives des Capucins/11A.

²⁶ D'APREMONT, Bernardin. *Journalier 6 (1899-1900)*, p. 15. Archives des Capucins/11A.

²⁷ D'APREMONT, Bernardin. *Journalier 7 (1900-1903)*, p. 86. Archive des Capucins/11A.

como a única forma de construir uma verdadeira família católica. É o que expressa, em editorial, o jornal “Il Colono Italiano”, editado em Garibaldi por Pe. João Fronchetti com a colaboração dos capuchinhos franceses, indicando o caminho para a construção de uma verdadeira família católica:

A família é um corpo, do qual o homem é o cérebro e a mulher o coração; no pai domina o juízo e na mãe predomina o afeto. [...] Desse modo, é providencial a união da mulher com o homem na educação dos filhos. Da mesma forma é providencial que acima do coração da mãe seja colocado o juízo do pai, para que este sirva àquele de guia, afim de que a ternura da mãe seja moderada pela reflexão paterna, e, desse modo, na educação se alcance o bem material juntamente com o moral dos filhos. A obra da educação dos filhos é resultado do acordo entre pai e mãe, acordo que, ordinariamente, se dá apenas quando a vontade da mulher se conforma àquela do marido, o sentimento dela se submete ao juízo dele, desde que o tenha; isso porque o coração, na ordem moral, deve submeter-se ao julgamento da razão.²⁸

As mulheres dos “brasileiros”

Em pouco tempo a missão dos capuchinhos no Rio Grande do Sul se estende para além da região de imigração italiana e alcança as terras de Vacaria e Lagoa Vermelha habitadas predominantemente por “brasileiros”. É uma realidade que foge ao esperado pelos frades franceses, como o descreve Frei Bruno em carta de 25 de março de 1899:

A maioria dos Brasileiros da província do Rio Grande não têm de cristão mais que o Batismo. Eles vivem e morrem sem instrução religiosa e sem Sacramentos. Quando se lhes fala de confissão e de comunhão, eles respondem com toda a tranquilidade que estes costumes não são conhecidos entre eles.²⁹

Ao relatar uma visita do bispo, acompanhado pelos missionários capuchinhos, em um lugar habitado por “brasileiros”, Frei Bernardin d’Apremont mostra toda a importância dada pelos missionários à disputa pela “alma das mulheres”, sejam elas jovens ainda não casadas ou já senhoras mães de família. Vejamos primeiro o relato da conversão das jovens:

Numa das paróquias mais afastadas da região [...] o bispo coadjutor havia esgotado todos os recursos de seu zelo e os de seus companheiros para atrair as almas de boa vontade à prática dos sacramentos. O resultado era quase nulo. Os jovens eram quase todos ímpios e haviam organizado um clube de oposição. Cada um doutrinava uma jovem sobre quem exercia bastante influência, conforme o costume da região, para servir-lhe de diretor de consciência, direção que consistia em persuadi-la de que Deus é um mito. [...] Todavia, nos últimos dias da missão, algumas jovens das melhores famílias do lugar [...] decidiram se confessar em grupo e fazer uma comunhão geral. [...] Mal tinham elas entrado na Igreja, eis que chega um numeroso batalhão de rapazes que, circundando-as, procuram dissuadi-

²⁸ GENITORI, accordatevi. *Il Colono Italiano*, Anno I, n. 47, 29 gennaio 1910, p. 1.

²⁹ GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os Capuchinhos no Rio Grande do Sul: correspondência (1895-1909)*. Porto Alegre: EST, 2007. p. 130-131.

las do projeto, por palavras irônicas. A maioria não se deixou abalar, outras capitularam. [...] Na manhã seguinte, o Senhor bispo se preparava para seguir viagem. [...] Mas eis que de repente [...] um grupo de jovens pede para falar-lhe. [...] “Senhor bispo”, diz a jovem encarregada de falar em nome de todas, “estamos aqui para pedir-lhe perdão e gostaríamos que nos dissesse como poderíamos reparar o mal que fizemos. [...] Sim, Senhor Bispo, temos vergonha de dizê-lo, mas fomos covardes. Como as nossas amigas, queríamos nos confessar e receber a santa comunhão. Receando as zombarias dos rapazes recuamos. Fomos covardes. Tivemos vergonha da religião e de Jesus Cristo. Queremos nos confessar e comungar. Os rapazes podem voltar, não temos receio deles. Acima de tudo, queremos agradecer a Deus”.³⁰

O relato sobre a conversão de uma senhora de importância é menos rico em detalhes, mas não por isso menos revelador da importância que os missionários davam à conversão das mulheres “brasileiras” como meio de garantir a ordem familiar e religiosa dentro do novo paradigma religioso em implantação:

Aconteceu, também, numa cidade às margens do Uruguai, onde o mesmo D. Pimenta, que estava em visita pastoral, insistia pregando a necessidade e a obrigação dos sacramentos. [...] A esposa do mais importante chefe político do lugar era muito boa, piedosa, dedicada à Igreja, mas à antiga moda brasileira, i. é., não frequentava os sacramentos, mas sempre ajudando as solenidades externas de algumas festas religiosas do ano. A boa senhora não sentia nenhum entusiasmo em levar as pessoas à confissão e à comunhão. Achava mesmo que nada conseguiriam. O mais bonito, contudo, foi que no dia seguinte o Senhor Bispo, que devia celebrar a Missão, não chegava, continuava retido no confessionário pela boa senhora que, após ter dado publicamente o exemplo da confissão, apresentou-se com os outros à mesa da Comunhão. Bispo e Vigário estavam encantados por tão feliz êxito.³¹

No caso das jovens, o embate é ideológico. Graças à presença do bispo e dos missionários, elas são libertadas da má influência dos jovens que as querem convencer da inexistência de Deus e do caráter perverso da religião. Certamente está frei Bernardin aqui pensando na influência positivista e maçônica junto à juventude.

No caso da senhora rica e influente, a disputa se dá no interior do próprio catolicismo. A mulher passa de uma religiosidade “à antiga moda brasileira” a, publicamente, através da confissão e da participação na Comunhão, dar exemplo público de fé e de submissão à Igreja, na pessoa do Bispo que representa o modo correto de ser católico.

Em ambos os casos, a submissão aos sacramentos e o reconhecimento da autoridade do Bispo são a demonstração da vitória do novo projeto de Igreja sobre a

³⁰ D’APREMONT, Bernardin. Missão dos religiosos franceses nas colônias do Rio Grande do Sul. In: D’APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bríndes; Caxias do Sul: UCS 1976. Pp. 13-222. Esta nota: p. 51-52.

³¹ D’APREMONT, 1976, p. 52.

ideologia que sustenta o estado republicano e o catolicismo brasileiro que precisa ser purificado e enquadrado nos moldes romanos.

Num outro relato, muito similar ao segundo acima apresentado, a “dona da casa [...] uma senhora imbuída de toda a impiedade moderna [e] com um espírito volteriano dos mais inflexíveis”, depois de aceitar a confissão, “chamando os filhos e os empregados, dizia-lhes, em tom autoritário e ao mesmo tempo materno, como é próprio das senhoras das fazendas brasileiras: ‘Até agora só tinha falsas idéias sobre a religião em geral e, em particular, sobre a confissão. [...] Vamos, preparem-se, o padre os confessará, um após o outro’”.³²

Cabe ainda ressaltar que, em nenhum momento das duas descrições, é feita qualquer referência à possível mudança dos jovens ou do “chefe político do lugar”, esposo da senhora que se converte. A lógica do missionário é a que fica explícita no terceiro relato: a partir da mãe, a “missionária do lar”, filhos, filhas e empregados – a velha casa patriarcal – são convertidos à verdadeira fé católica.

As religiosas de vida consagrada.

Em carta ao Provincial de Savóia em 16 de julho de 1896, apenas seis meses após sua chegada em Garibaldi, estão os primeiros registros de que já estão em andamento tratativas com a finalidade de trazer religiosas francesas com a finalidade de ensinar e visitar os doentes em suas casas.³³ O projeto avançou e as Irmãs de São José de Moutiers chegam a Garibaldi em 23 de dezembro de 1898 e a escola para meninas inicia atividades em 16 de janeiro de 1899.

A relação dos missionários capuchinhos com as irmãs de São José foi sempre de muita proximidade. Nas cartas de Frei Bruno elas aparecem com extrema frequência.³⁴ O mesmo acontece no relatório de Frei Bernardin.³⁵ A presença e o trabalho delas é estimado pelos frades e considerado indispensável à missão.³⁶ Isso, no entanto, não é suficiente para que possa se estabelecer uma relação de igualdade entre os dois grupos. Consciente ou

³² D’APREMONT, 1976, p. 68.

³³ GILLONNAY, 2007, p. 37.

³⁴ GILLONNAY, 2007.

³⁵ D’APREMONT, 1976.

³⁶ GILLONNAY, 2007, p. 37; 380.

inconscientemente, o sistema patriarcal de sociedade e igreja na qual os frades se situavam, aflorava nos momentos de tensão.³⁷

Em carta de 19 de maio de 1907, em resposta a questionamentos sobre seu relacionamento com as irmãs, Frei Bruno responde violentamente à insinuação de que o fato de manter-se como orientador espiritual e confessor fosse resultante da vontade da coordenadora das irmãs: “Dizer que Irmã Margarida me fez renovar os poderes, é insinuar que eu coloco mulheres nos meus conselhos. Ora, essa fraqueza eu não a tenho.”³⁸

Para frei Bruno, “[...] sem direção, as religiosas se perdem no Brasil”.³⁹ E isso não pelas dificuldades da realidade brasileira e da missão, mas devido à deficiência da condição feminina:

Se estas irmãs não tem de vez em quando um padre que as conheça e que as faça prestar conta do estado de sua alma, o que se tornará sua vida religiosa dentro de algum tempo? Eu digo um padre que as conheça, pois, a maior parte das mulheres não se deixam conhecer facilmente. Eu li em Sta. Teresa, mas não achava que fosse tão verdadeiro. A Santa dizia a um padre que ele a fazia rir a dizer-lhe que conhecia perfeitamente uma postulante; e ela acrescentava; ‘Nós, mulheres, dificilmente nos conhecem, e eu conheço mulheres que se confessa a um padre há vários anos sem que este as conheça ainda’.⁴⁰

O medo de encontrar-se e ter que dialogar de igual a igual com mulheres que ele não conhece e, está consciente, jamais vai poder conhecer, leva-o a refugiar-se no lugar a partir do qual a instituição eclesial lhe permite autoridade sobre as irmãs que, sente ele, nem sempre estão dispostas a submeter-se à sua autoridade:

Separar a direção da confissão, eu acho impossível; pois: 1) as mulheres não se dão a conhecer fora do confessional, e 2) o cara a cara no parlatório é cheio de perigo: jamais eu me submeteria a isso nem o aconselharia.⁴¹

O temor de Frei Bruno de que a falta de uma firme orientação levasse as irmãs a “perder-se ou dar escândalo” não se realizou.⁴² Em poucos anos a presença das Irmãs de São José se estendeu a todas as regiões do Rio Grande do Sul e sua atividade educativa e

³⁷ SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti, 2009; SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais*. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995; SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. *Concilium*, Petrópolis, RJ, n. 281, p. 69-77, 1993.

³⁸ GILLONNAY, 2006, p. 376

³⁹ GILLONNAY, 2006, p. 377.

⁴⁰ GILLONNAY, 2006, p. 377.

⁴¹ GILLONNAY, 2006, p. 378.

⁴² GILLONNAY, 2006, p. 381.

missionária ajudou a consolidar o projeto renovador da Igreja através da educação, da saúde e da assistência social.⁴³ |

Considerações Finais

| Os frades capuchinhos franceses que vieram ao Rio Grande do Sul eram filhos de seu tempo, de sua cultura e de sua igreja. Aqui chegaram e se dedicaram, de corpo e alma, ao projeto de evangelização do qual faziam parte.

Em relação às mulheres, seu discurso não se afastou do da Igreja da época. Podemos afirmar que, nas variantes que encontramos nos discursos conforme são dirigidos às mulheres dos imigrantes, às “mulheres brasileiras” ou às mulheres pertencentes a congregações religiosas, há uma constante: as mulheres são responsáveis pela transmissão da fé aos filhos e pela manutenção da unidade familiar.

Segundo o discurso eclesial, a condição para realizar sua missão é a de, no âmbito da família, manter-se submissa aos pais e ao marido e, na igreja, ao poder do padre e do bispo.

Tal modo de pensar faz parte das estruturas eclesiais obsoletas que o Documento de Aparecida⁴⁴ convida a transformar a fim de que a igreja possa responder aos novos desafios que a sociedade apresenta à fé cristã nos dias de hoje. |

Referências

| AZZI, Riolando. *A Igreja na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida: Santuário, 2008.

_____. *Os bispos reformadores. A segunda evangelização do Brasil*. Brasília: SER, 1992.

BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília : CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007.

⁴³ D'APREMONT, 1976, p. 169-178.

⁴⁴ CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília : CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007.

D'APREMONT, Bernardin. *Journalier 5-7 (1898-1903)*, p. 76. Paris, Archives des Capucins/11A.

_____. Missão dos religiosos franceses nas colônias do Rio Grande do Sul. In: D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bríndes; Caxias do Sul: UCS 1976.

DEL PRIORE, Mary. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil colônia. In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1985.

GENITORI, accordatevi. *Il Colono Italiano*, Anno I, n. 47, 29 gennaio 1910.

GILLONAY, Bruno de. Relatório de Frei Bruno a Dom Scalabrini, bispo de Piacenza. In: D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bríndes; Caxias do Sul: UCS 1976.

_____. *A Igreja e os Capuchinhos no Rio Grande do Sul: correspondência (1895-1909)*. Porto Alegre: EST, 2007.

GOMES, Edgar da Silva. *A separação Estado-Igreja (1890)*. Uma análise da Pastoral Coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca, 2006, 238 p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2006.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul; implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul e Instituto Estadual do Livro, 1975.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. Conservadorismo, educação e tomismo no Império Brasileiro. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ano I, n. 3, Jan. 2009.

RAMBO, A. Balduino. Restauração católica no Sul do Brasil. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 36, p. 279-304, 2002.

RICHARD, Pablo. *A morte das cristandade e nascimento da igreja*. Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 1982.

SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti, 2009.

_____. *Discipulado de Iguais*. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. *Concilium*, Petrópolis, RJ, n. 281, 1993.

ZAGONEL, Carlos Albino. Província do Rio Grande do Sul. Sagrado Coração de Jesus. In: ZAGONEL, Carlos Albino (Org.). *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre, CCB, 2001..]